

Envelhecimento expõe América Latina ao risco de câncer, diz estudo

O envelhecimento da população latino-americana, que tende a aumentar nos próximos anos, deve provocar também um grande crescimento no número de mortes pelo **câncer**. A conclusão é de um estudo feito por um grupo por mais de 70 especialistas no tratamento da doença na região, cujos resultados foram publicados pela revista médica *Lancet Oncology* e apresentados em uma conferência em São Paulo.

Segundo estimativas usadas pelo estudo, a região deve ter mais de **100 milhões de pessoas** acima de 60 anos já em 2020. Em 2030, os especialistas acreditam que o câncer vá matar cerca de 1 milhão de latino-americanos por ano. "As pessoas estão vivendo até a idade onde o câncer vai acontecer", resumiu o professor da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e um dos autores do estudo, Carlos Barrios.

A incidência de câncer na América Latina (163 casos para cada 100 mil pessoas) ainda não é tão grande quanto em regiões mais desenvolvidas, como a União Europeia (264 casos para cada 100 mil pessoas) ou os Estados Unidos (300 casos para cada 100 mil pessoas).

No entanto, a taxa de mortalidade pela doença é mais alta na América Latina, o que é o maior motivo de preocupação dos especialistas do Grupo Cooperativo de Oncologia da América Latina (Lacog, na sigla em inglês). Na América Latina, 59% dos pacientes com câncer morrem, número que cai para 43% na União Europeia e para 35% nos EUA.

Assim, a região precisa se adaptar ao **envelhecimento** da população e reduzir o número de mortes pelo câncer para evitar que a doença se torne um problema ainda mais grave para a sociedade. "Essa é uma epidemia particular, porque o câncer leva muito tempo para se desenvolver. O que nós estamos tentando fazer aqui é chamar a atenção para alguma coisa que vai acontecer daqui a dez, quinze ou vinte anos de muito sério", argumentou Barrios.

CAUSAS

O combate ao câncer em longo prazo passa, principalmente, pela **prevenção** da doença em suas diferentes formas. As principais causas de câncer na América Latina mostram uma região dividida internamente. De um lado, o envelhecimento, a obesidade e o sedentarismo são responsáveis pelo aumento do número de casos. De outro, a **fumaça** liberada pelo uso de lenha na cozinha e no aquecimento ainda é um causador importante de câncer, assim como a bactéria *H. pylori*, prevalente em locais onde os alimentos não são devidamente refrigerados.

De toda forma, os principais alvos dos médicos são velhos conhecidos e também fazem parte da sociedade moderna: o álcool e, principalmente, o tabaco. Agentes infecciosos como vírus do papiloma humano (HPV) e o vírus da hepatite B também estão entre os fatores de risco registrados pelo estudo.

A disparidade do investimento feito no combate e no tratamento do câncer é clara. Para cada paciente latino-americano que recebe um novo diagnóstico de câncer, existe um gasto médio de apenas US\$ 7,92. Nos EUA, o investimento no mesmo paciente seria de US\$ 460.

DIAGNÓSTICO

Ainda que a América Latina jamais chegue aos números dos Estados Unidos, que têm de longe o maior gasto do mundo no setor, é preciso aplicar os recursos com inteligência. Segundo os especialistas do Lacog, a prioridade deve ser o investimento em novos diagnósticos de câncer.

“O câncer é muito mais mortal nesta região que nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental. Achamos que a principal causa para isso é que os pacientes apresentam câncer em estado avançado. Então, na verdade, já é tarde demais para curar ou fazer intervenções”, apontou o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard, nos EUA, Paul Goss.

Para isso, a região precisa resolver um problema em relação ao número de especialistas - e à sua distribuição. O Peru é um caso emblemático. Para cada 100 mil habitantes, existe apenas 0,67 médico treinado para tratar um paciente com câncer; nos EUA, esse número é de 3,75 médicos para cada 100 mil pacientes. Além disso, 85% dos oncologistas peruanos estão concentrados na capital Lima, e 20 dos 25 departamentos do país não contam com nenhum especialista na doença.

Fonte: G1